

**NOTA DE REFLEXÃO SOBRE AS ESPECIFICIDADES DO REINO ANIMAL
EM *SUPONHAMOS UM INSECTO CABISBAIXO COM UM ÉLITRO DE PRATA*
DE ANTÓNIO RAMOS ROSA**

Rodrigo Conçole Lage¹

Investigador Independente

rodrigo.lage@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o modo como o poeta português António Ramos Rosa, em um de seus poemas, faz uma crítica ao processo de antropomorfização promovido pelo homem quando, muitas vezes, observa o reino animal. Para isso, utilizamos como referencial teórico alguns estudos dedicados a zooliteratura.

PALAVRAS-CHAVE: António Ramos Rosa, Poesia Portuguesa, Zooliteratura.

ABSTRACT: The objective of this work was to analyze the way the Portuguese poet António Ramos Rosa, in one of your poems, make criticism of the process of anthropomorphization made by man when, many times, observe the animal kingdom. For that, we use as theoretical reference some studies dedicated to zooliterature.

KEYWORDS: António Ramos Rosa, Portuguese Poetry, Zooliterature.

Introdução

Como muitos outros poetas portugueses do século XX António Ramos Rosa é um nome desconhecido para a maior parte dos leitores brasileiros e estudiosos da literatura, nunca tendo sido editado no Brasil. Além de ter publicado um grande número de livros de poesia, de crítica literária, artigos e traduções recebeu vários prêmios

¹ Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL).

literários e “viu até mesmo o seu nome apontado como candidato ao Prémio Nobel de Literatura em várias ocasiões” (CAÑETE, 2012, p. 29). Sua obra está situada num momento importante da poesia portuguesa do século XX:

[...] a produção poética portuguesa das décadas de 1970 a 1990, período em que se situa boa parte das obras de António Ramos Rosa, fornece um desenho, um retrato dos conflitos e de novos rumos para a linguagem poética. Primeiramente, porque, no contexto citado, encontramos um cenário que, de um lado, procura comportar a expressão da subjetividade, a pulsão do sujeito criador; e, de outro, a massificação das culturas globalizadas e o enfraquecimento das fronteiras. Além desses fatores, vale ressaltar o tecnicismo exigido pelas novas manifestações da escrita eletrônica (TERRERI, 2015, p. 39).

Por outro lado, ao longo do século XX a questão das relações entre os homens e animais despertou maior interesse, dando origem “aos chamados *Animal Studies* (Estudos Animais), cujo objetivo é pensar as relações entre viventes humanos e não humanos” (VIZACHRI, 2015, p. 3). Dentro do universo dos estudos literários as pesquisas relacionadas aos Estudos Animais vão dar origem ao campo da zooliteratura², que envolve o estudo dos textos que abordam o mundo animal em sua relação com o ser humano.

Interessados no tema nós decidimos estudar um texto que se enquadra no âmbito desses estudos, o poema *Suponhamos um insecto cabisbaixo com um élitro de prata*, nome retirado de seu primeiro verso, o segundo da seção *Pela Primeira Vez*, do livro *DELTA seguido de PELA PRIMEIRA VEZ*, de 1996. Como a temática de poema envolve o mundo animal, e tangencia a questão do relacionamento entre homens e animais, utilizaremos alguns trabalhos nessa área como referencial teórico. Nosso objetivo é investigar o modo como o poeta aborda a questão da antropomorfização para desconstruí-la com o objetivo de destacar a questão da especificidade do reino animal.

Em defesa do reconhecimento das especificidades do reino animal

Segundo Cañete (2012, p. 34), “os versos de A.R.R. estão constituídos, regra geral, por poemas breves e descontínuos, em pequenas estrofes irregulares, e com

² Não utilizo o termo zopoética porque o foco do poema não é questão da presença animal, que não tem voz no texto, mas a do modo que o homem o vê, o que se enquadra dentro da noção zooliteratura.

versos curtos, livres e brancos”. O poema *Suponhamos um insecto cabisbaixo com um élitro de prata*³ se enquadra nessa categorização. Ele é composto de dezesseis versos livres, sem rima, divididos em duas estrofes irregulares, com 11 e 5 versos, com um eu poético na terceira pessoa. Cada estrofe trata de um assunto específico referente à questão do mundo animal como podemos ver na sequência:

Suponhamos um insecto cabisbaixo com um élitro de prata
Suponhamos que ele é pudico e desajeitado
e que detesta a eloquência e os gestos exuberantes
Talvez sorria para os pequenos grãos do seu caminho
talvez se sinta ridículo e seja afectuoso
Quem sabe se também perante os enigmas se sinta perplexo
e murmure algumas sílabas de uma prece
Não sabemos se de vez em quando contempla as constelações
Talvez tenha uma companheira e um pequeno filho
talvez goste de danças nas festas em que esvoaçam flâmulas vermelhas
talvez seja um filósofo ou um poeta

Mas não é mais que um insecto nada mais que um insecto
a quem não interessa nada essas conjecturas
que nada tem a ver com sua pequena identidade
que ele rola vagarosamente num mundo que nós não conhecemos
e que é tão irrevogavelmente um mundo como o nosso é para nós (ROSA,
1996, p. 50).

Outras características importantes de sua produção dizem respeito ao vocabulário utilizado e ao modo como é trabalhado, para Cañete (2012, p 33):

O universo poético de A.R.R., jogando com um número relativamente restrito de vocábulos e de temas, dá predominância às palavras substantivas e elementares, palavras que se esvaecem ao mesmo tempo que, simbolizando, se enriquecem. Palavras que são envolvidas por um contexto tal que a função poética é atingida plenamente em toda a sua riqueza e capacidade de sugestão. Esses elementos são retomados e combinados em ciclos que com frequência se reiniciam numa movimentação que tende para o essencial.

³ Uma característica presente em todos os poemas de *DELTA seguido de PELA PRIMEIRA VEZ* é o fato de que eles não têm um título propriamente dito. No índice, o autor nomeia-os a partir do primeiro verso de cada um deles.

Essas características estão presentes nele, que possui essa predominância no que diz respeito aos vocábulos, pois são poucos os verbos e adjetivos. Além disso, por serem usadas simbolicamente, na antropomorfização do inseto, elas realmente se enriquecem. E veremos esse caráter cíclico surgido da repetição de algumas palavras (suponhamos, talvez, não, etc.). Por outro lado, chama a atenção o fato de que nele a pontuação foi quase que totalmente suprimida, se limitando ao ponto final utilizado no último verso; assim como o modo como utilizou a letra maiúscula para demarcar o início de cada frase do poema. O que não acontece em outros poemas.

Vemos que no primeiro verso o eu poético inicia um diálogo com o(s) leitor(es) utilizando uma forma verbal na primeira pessoa do plural do imperativo, “Suponhamos” (ROSA, 1996, p. 50). Ele solicita ao leitor que imagine junto com ele “[...] um insecto cabisbaixo com um élitro de prata” (ROSA, 1996, p. 50). A única coisa que sabemos de concreto sobre o inseto é que possui élitros, isto é, asas anteriores enrijecidas, que recobrem as posteriores (utilizadas para voar), como uma forma de proteção. Elas possuem diferentes texturas, tamanhos e cores, que variam segundo a espécie.

Como essas asas são normalmente encontradas nos insetos da ordem dos coleópteros podemos supor que ele é algum tipo de besouro, o que justificaria o adjetivo cabisbaixo. Mas esse inseto não foi visto somente como um animal, nos versos seguintes ele foi antropomorfizado de modo a funcionar como ilustração de alguns tipos humanos. Nos versos dois e três, por exemplo, o eu poético o representa como um tímido pelo fato de “[...] que ele é pudico e desajeitado / e que detesta a eloquência e os gestos exuberantes” (ROSA, 1996, p. 50).

Este tipo de atribuição está presente em outras obras centradas no reino animal. No *Bestiário Lusitano* de Alberto Pimenta, por exemplo, os animais estão investidos, segundo Neves (2016, p. 66), “de atributos psicológicos representativos do comportamento humano e da sua psicologia complexa”. Vemos que António Ramos Rosa age da mesma forma neste poema como podemos ver pelos versos 4-5: “Talvez sorria para os pequenos grãos do seu caminho / talvez se sinta ridículo e seja afectuoso” (ROSA, 1996, p. 50).

Essa postura é igualmente visível quando, nos v. 6-7, o eu poético atribui sentimentos religiosos ao inseto: “Quem sabe se também perante os enigmas se sinta perplexo / e murmure algumas sílabas de uma prece” (ROSA, 1996, p. 50). Neles, vemos que ele nega a existência de Deus partindo do princípio de que a divindade é criada como uma resposta às perplexidades nascidas da incompreensão do mundo no

qual está inserido, mas também do medo, da impotência, do sentimento de vulnerabilidade diante deste mundo hostil. É uma forma de dar sentido a vida.

Além disso, ele reforça a existência dessa perplexidade ao dizer: “Não sabemos se de vez em quando contempla as constelações” (ROSA, 1996, p. 50). Obviamente o ser humano não é o único vivente a olhar para o céu, sua intenção é questionar se ao olhar as estrelas os animais também sentem o assombro que o homem sente e fazem os mesmos questionamentos e reflexões ou se é um olhar meramente mecânico. Tais questionamentos levam o eu poético a dizer no último verso deste parágrafo que ele “talvez seja um filósofo ou um poeta” (ROSA, 1996, p. 50).

Além disso, o processo de antropomorfização do inseto não se limita aos aspectos interiores do ser humano (emocionais e intelectuais), mas também diz respeito aos aspectos exteriores, de forma mais específica, a sua vida familiar e social. É o que podemos verificar, nos v. 9-10, quando pede que se imagine que: “Talvez tenha uma companheira e um pequeno filho / talvez goste de danças nas festas em que esvoaçam flâmulas vermelhas” (ROSA, 1996, p. 50). Ele segue o padrão de se analisar as relações entre macho e fêmea e as relações grupais a partir dos padrões humanos.

Contudo, na segunda estrofe, a partir dos versos v. 12-13, o eu poético põe em cheque o princípio metodológico de análise comparatista ao diferenciar os animais dos homens: “Mas não é mais que um insecto nada mais que um insecto / a quem não interessa nada essas conjecturas/ que nada tem a ver com sua pequena identidade” (ROSA, 1996, p. 50). Como o animal pertence a sua própria espécie, e não a humana, ele não só não seria passível de comparação como também não tem nenhum interesse nela. Esse interesse, por si só, é um elemento de diferenciação.

Assim, o poema apresenta uma rejeição a um olhar antropomorfizado que pode estar relacionada a uma crítica ao costume, muito presente na literatura, de se ver a “figura animal como consubstanciação demonstrativa de determinados comportamentos e ações humanas, no intuito de levar o homem, enquanto indivíduo social, a refletir sobre si próprio e sobre a posição que cada um deve ocupar na sociedade em que vive” (NEVES, 2016, 35). Ele deve ser visto na sua especificidade, naquilo que ele é; e que no caso do poema seria um inseto, identificado por meio do élitro.

Isso, por sua vez, também implica uma rejeição ao ato de bestialização do ser humano. Conseqüentemente, o eu poético rejeita qualquer discussão que envolva a questão da superioridade (ou inferioridade) do homem. Ele parte do princípio de que o animal pertence a um mundo diferente, com características próprias, que não pode ser plenamente entendido por nós e “a quem não interessa nada essas conjecturas” (ROSA,

1996, p. 50). Assim, no seu modo de ver, existe “um corte radical entre o humano e o não-humano” (NEVES, 2016, 39).

Contudo, isso não quer dizer que ele, adote o pensamento antropocêntrico ocidental que ergue “um muro intransponível e uma rígida hierarquia entre o homem e o animal” (39). O eu poético não apresenta um juízo de valor que defenda a superioridade do primeiro, pelo contrário, o que ele defende é a ideia de que existem dois mundos equivalentes com características próprias. O inseto possui uma identidade própria “que ele rola vagarosamente num mundo que nós não conhecemos / e que é tão irrevogavelmente um mundo como o nosso é para nós” (ROSA, 1996, p. 50).

Podemos dizer, então, que temos na segunda parte do poema a ideia de que, como não podemos entendê-los a partir de nós homens, só poderíamos compreendê-los se fossemos capazes de olhá-los a partir deles mesmos. Ou seja, “a passagem para a esfera exclusiva do inumano e a tomada de consciência da existência de uma outridade animal são factores axiais numa verdadeira apreensão da animalidade, baseada nos *próprios do animal* e não no catálogo interminável dos *próprios do homem*” (NEVES, 2016, p. 11).

Conclusão

Ao longo da história os homens tem se relacionado de diferentes formas com os animais, nem sempre pacíficas. Isso naturalmente fez com que eles passassem a ser vistos de diferentes formas. Em alguns momentos se destacava as diferenças e em outros as proximidades existentes entre os dois. António Ramos Rosa, no poema aqui estudado, reflete sobre a necessidade de voltarmos a olhar os animais naquilo que eles são, uma espécie diferente, que tem seu próprio mundo, que nós não conhecemos realmente porque vivemos em outro.

O reconhecimento da existência de mundos diferentes é o primeiro passo para tentarmos compreender o outro. Mesmo que não possamos conhecê-lo plenamente isto não quer dizer que não possamos ter algum conhecimento de uma ou outra característica dele. Ao fazer isso, o modo como nos relacionamos com animais também mudará. Esperamos que nosso trabalho possa despertar o interesse de leitores e pesquisadores pela obra do poeta António Ramos Rosa e pela zooliteratura de modo geral, pois há muito a ser pesquisado sobre os dois assuntos.

Referências

- CAÑETE, Carmen María Comino Fernández de. A poesia do real e da liberdade em *Acordes*. Anuario de Estudios Filológicos, Cáceres, vol. 35, 2012, p. 27-44. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4102895>>. Acesso em 08 dez. 2018.
- NEVES, Márcia. *Zooficções*. Lisboa: IELT - FCSH / Universidade Nova de Lisboa, 2016. Disponível em: <<https://ielt.fcsh.unl.pt/e-books/>>. Acesso em: 08 dez. 2018.
- ROSA, António Ramos. *DELTA seguido de PELA PRIMEIRA VEZ*. Lisboa: Quetzal Editores, 1996.
- TERRERI, Grida Auyra Pignata. 106 f. *A formação da paisagem em Dinâmica Subtil, de António Ramos Rosa*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4736?show=full>>. Acesso em 12 dez 2018.
- VIZACHRI, Tânia Regina. Estudos culturais e estudos animais na compreensão da representação dos animais. In: SBECE, 6, SIECE, 3, 2015, Canoas. *Anais Eletrônicos do 6º SBECE / 3º SIECE*. Canoas: Ulbra, 2015. 1-10 p. Disponível em: <<http://www.sbece.com.br/2015/site/anaiscomplementares#T>>. Acesso em: 8 dez. 2018.